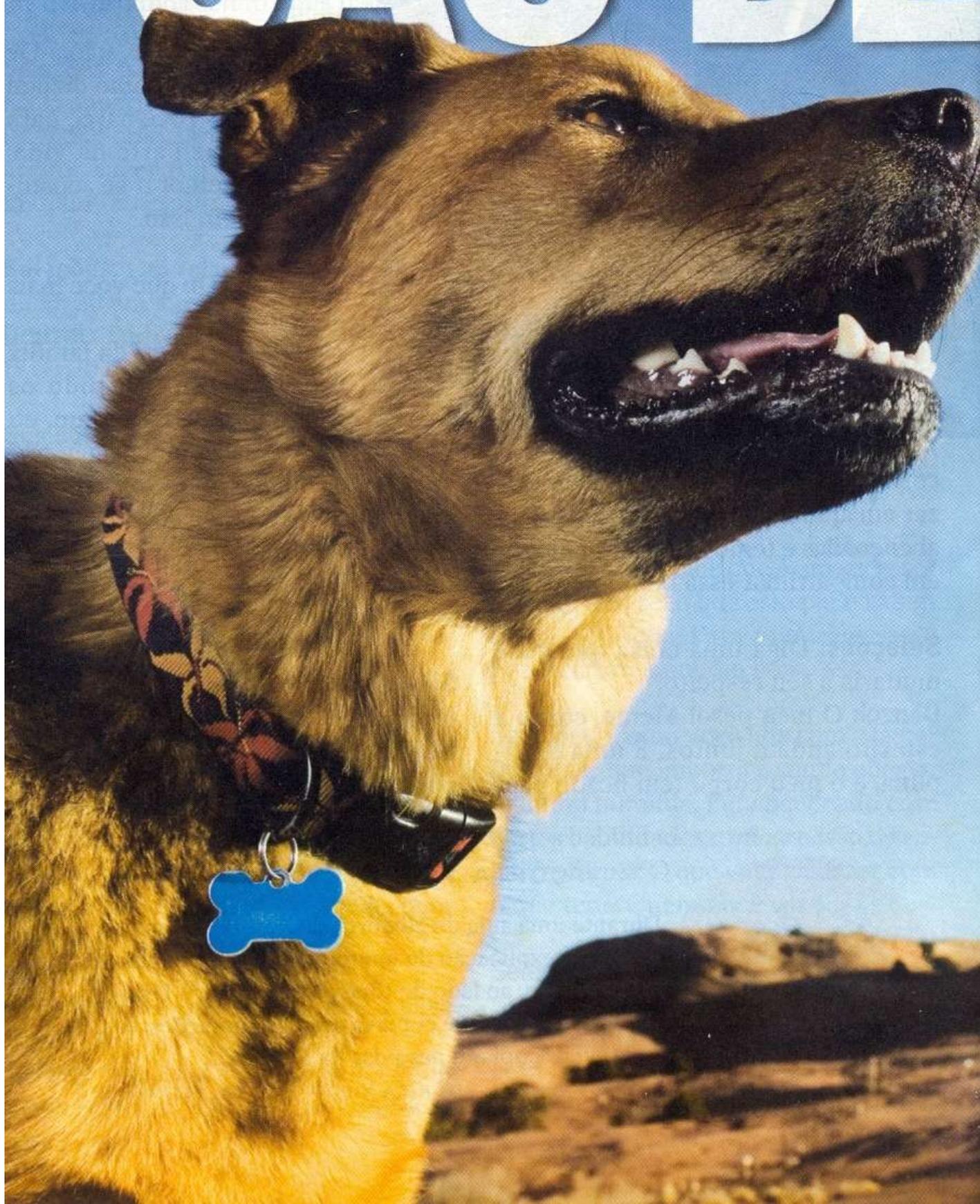


Depois que a corredora caiu na

# CÃO DE



região deserta, cabia a Taz mantê-la viva

# RESGATE

POR TOM HALLMAN, JR.

DANELLE BALLENGEE abriu a porta da caminhonete e *Taz* pulou para fora, balançando o rabo. Hoje, iriam correr numa trilha de uma região acidentada e erma. Enquanto ela se alongava, ele esfregava o focinho em suas pernas e a observava atentamente – sinal de que estava ansioso por começarem.

Tudo começou por causa dos olhos de *Taz*. Ela o encontrara num abrigo para animais abandonados: um cãozinho tão malcomportado que ela o batizara em homenagem ao Diabo da Tasmânia do desenho animado. Desde então, ele se transformara num vira-lata de quase 32 quilos e era companhia constante nas corridas.

Danelle olhou o relógio. Ela e *Taz* podiam, facilmente, fazer o percurso de 16 quilômetros e voltar para casa, em Moab, no estado americano de Utah, até a hora do almoço.

Depois de se aquecer, afagou o pêlo castanho de *Taz* e iniciou a corrida. Era inverno – dezembro de 2006 – e estavam sozinhos.

Danelle aumentou o ritmo e logo começou a suar. Aos 35 anos, ainda era atleta de provas de resistência internacionais e já participara de mais de 500 competições de longa distância por desertos e montanhas em todo o planeta. O treinamento de hoje era mera rotina de exercícios.

Mais adiante, *Taz* desapareceu, mas Danelle não se preocupou – escalou o pico pedregoso e remoto, passando para uma segunda trilha até atingir o topo de uma elevação de 18 metros feita de rochas vermelhas. Perto do cume, resvalou o pé numa fina camada de gelo transparente, quase invisível.

Danelle olhou o relógio. Meio-dia. Calculou estar a uns dez quilômetros da caminhonete, presa no alto de uma saliência de pedra escondida num deserto, em pleno inverno, sozinha, e sem que ninguém soubesse onde estava. Então, ouviu *Taz*.

Ele desceu correndo do cume até a saliência onde ela se encontrava e se aninhou em cima da dona. Danelle acariciou a pelagem espessa. Se permanecesse imóvel, a dor diminuía e ela podia pensar numa forma de sair dali. Seguiria *Taz* pela trilha até o fundo do cânion. Uma vez lá, se arrastaria até a caminhonete.

Ao girar o corpo para se pôr de bruços, gritou tão alto que *Taz* se assustou. Ela tomou fôlego. O chão do cânion ficava dezenas de metros abaixo da sa-

## GELO FINO! ATORDOADA, ELA

Ela escorregou e foi ralando o corpo nas pedras, enquanto ia em direção ao precipício. As mãos buscaram apoio, mas Danelle não encontrou nada. Estava caindo. E continuou até ser projetada, em pé, numa estreita saliência de pedra.

Atordoada, sentiu as pernas, mas temeu estar parálitica. Conseguia mexer os dedos, mas, quando tentou ficar de pé, sentiu uma pontada de dor percorrer o corpo. Ouviu os próprios gritos reverberando nas paredes do cânion. A pelve e várias vértebras estavam fraturadas. A metade inferior do corpo se transformara num peso morto.

liência, descendo por uma trilha que devia ter a extensão de dois quarteirões urbanos. “Vá, *Taz*.” Ele seguiu à frente de Danelle, que começou a acompanhá-lo arrastando-se por cima de rochas e partes do terreno cobertas de neve. *Taz* trotava trilha abaixo e depois voltava, como se se perguntasse por que Danelle não corria ao seu lado. Obrigando-se a resistir à dor, ela se concentrava em sua tarefa.

Cinco horas depois, chegou ao fundo do cânion, arranhada e machucada, a roupa de corrida rasgada. Estava 200 metros mais perto do objetivo; a caminhonete ainda se achava a uns dez quilômetros de distância.

Danelle Ballengee  
e seu parceiro de  
corrida, Taz.



congelavam. A temperatura havia descido à casa dos 7 graus negativos.

A calça de corrida, preta e larga, e uma camisa ofereciam muito pouca proteção contra o frio. Danelle estendeu os braços na direção de Taz, que se enroscou ao seu lado. Ela o abraçou, sentindo o calor de seu corpo, e assim ficaram.

À medida que as horas passavam, ela tentava não pensar na dor e no frio que sentia. Olhava o céu noturno, conversava com Taz e com ele contava as estrelas cadentes.

Qualquer movimento doía muito, mas, se não se mexes-

## TEMEU TER FICADO PARALÍTICA

Danelle olhou o relógio: cinco da tarde. Arrastar-se na escuridão podia ser perigoso. Ela se deixou cair de barriga para cima, exausta. Então, viu um buraco coberto de gelo, do tamanho de um travesseiro. Esmurrou o gelo, inclinou-se em direção ao buraco e bebeu toda a água que pôde.

Ia precisar de água para o dia seguinte. Então mergulhou a garrafa de água vazia na poça. Ela, porém, saiu cheia de sedimentos. Danelle usou a tampa para recolher água da superfície, lentamente. Foram necessárias umas 50 passadas da tampa para pegar o suficiente. Por fim parou, porque, a cada vez que derramava um pouco, os dedos

se, sua temperatura corporal cairia e ela morreria de hipotermia. Assim, Danelle flexionava os músculos, batia o pé e erguia a cabeça alguns centímetros acima da rocha, fazendo uma espécie de abdominal. Quando corria, a dor era sua companheira constante. Mas um bom atleta segue em frente.

Continuou fazendo uma série de abdominais, contando para se distrair. Ao chegar a mil, o abdome começou a doer. Ela tocou a barriga – estava inchada de sangue por causa de ferimentos internos. Passou, então, a controlar o ritmo: um abdominal, cinco segundos de descanso. No decorrer da noite, foi tomando pequenos goles

d'água, percebendo que, se bebesse demais, teria de urinar, e o líquido congelaria em suas pernas.

Quando surgiram os primeiros raios da quinta-feira, Danelle examinou o terreno à sua volta: estreitas paredes de rocha vermelha e silêncio. Nem um ser vivo à vista. Essa era uma região por onde poucas pessoas se aventuravam, mesmo no verão. Nesta época do ano, era como um deserto.

No bolso, descobriu um gel energético guardado num recipiente plástico que costumava usar em provas de resistência. Bebeu o xarope, descansou e esperou que o sol saísse para lhe aquecer o corpo. Tentou se sentar, mas a dor foi tamanha que ela desfaleceu.

Na cidade, alguém se daria conta do seu desaparecimento. A vizinha do

meçaram a pesar. Danelle delirava, achando que um cobertor escorregara de cima de seu corpo, e não parava de procurá-lo. Temia a aproximação de animais e pedia a *Taz* que ficasse perto.

**MANHÃ DE SEXTA-FEIRA.** A noite havia sido brutal. Os dedos de Danelle estavam dormentes e ela já não conseguia fazer abdominais. Mais uma noite, e congelaria. Decidiu fazer uma última tentativa de se arrastar para fora dali.

## VOLUNTÁRIOS VIRAM O CÃO

lado certamente notaria que as luzes de sua casa tinham passado a noite toda acesas. Mas ninguém sabia aonde ela havia ido.

Danelle ainda tinha uns dez quilômetros a percorrer. Pôs-se de bruços e começou a se arrastar. A essa altura, mal se movia, talvez uns cinco centímetros por vez. Mas puxava o corpo com vontade, arranhando os dedos, as articulações e os joelhos até sangrarem. Arrastou-se do amanhecer até as quatro da tarde, mas ficou desidratada e teve de voltar ao local onde encontrara água. O dia havia sido perdido.

À medida que a noite e a temperatura iam caindo, a dor e a fome co-

*Taz* andava de um lado para o outro, nervoso. Também estava faminto e cansado. Será que ficaria com ela?

“*Taz*, estou machucada”, disse. “Vá buscar ajuda.” Já quase sem forças, ergueu uma das mãos. Então *Taz* deu um passo adiante e esfregou o focinho na sua palma. Um instante depois, ele deu um salto e se afastou. Mas teria compreendido?

Danelle começou a se arrastar de novo. Viu o sol atravessar o céu. Três horas depois, arrastou-se de volta à poça para beber água. A dor era insuportável. Subitamente, a coleira de *Taz* tilintou a distância. “*Taz!*...”, chamou. O tilintar desapareceu. Ele a deixara.





Os voluntários John Marshall, à esquerda, e Bego Gerhart no alto do cânion onde Danelle ficou presa.

## CORRENDO EM CÍRCULOS.

JOHN MARSHALL, vestindo duas camadas de roupa e um pesado casaco, tremia de frio enquanto, no início da trilha, esperava a equipe de busca. Olhava para os mais de 4 mil hectares de território inóspito. Não tinha idéia de onde procurar Danelle Ballengee, mas precisava elaborar uma estratégia.

Na tarde de quinta-feira, uma vizinha se dera conta de que não via Danelle fazia dois dias e telefonara para os pais da corredora. Eles ligaram para a polícia, que procurou o Ford Ranger de Danelle em todos os locais prováveis, sem sucesso.

Naquela manhã, no entanto, um policial havia feito uma última vistoria,

passando por uma estradinha pouco usada, e encontrara a caminhonete. Marshall fora chamado para reunir uma equipe de busca. Agora, ele olhava ansioso o relógio. Ficaria escuro dali a algumas horas, e a tarefa da equipe se tornaria impossível.

Marshall sabia que Danelle era uma corredora radical. Ele já lhe prestara ajuda numa prova de resistência na qual a tratara de exaustão.

“Não estamos à procura de uma turista”, disse Marshall à sua equipe. “Essa mulher saiu para correr a trilha mais difícil que conseguiu encontrar. Ela é valente. Se ainda estiver por aí, é porque algo de muito errado aconteceu.”

Marshall tentou pensar conforme um corredor, concentrando a busca em cinco possíveis trilhas. Quando a equipe chegasse, ele enviaria grupos para os terrenos acidentados. Mas seria um tiro no escuro.

Ao dar as costas para o cânion, percebeu um movimento no leito de um rio, cerca de 50 metros abaixo de onde estava. Havia um cachorro lá. Marshall sabia que Danelle treinava acompanhada do seu cão. Aquele que via era, talvez, selvagem, mas, se fosse o de Danelle, ela devia estar perto. Marshall ouvira dizer que o cão permaneceu ao lado do dono, a não ser que ele esteja gravemente ferido ou morto.

O cachorro subiu uma trilha e parou a uns dez metros de distância. Marshall assoviou. Estendeu a mão, tentando persuadi-lo a chegar perto. O cachorro balançou o rabo, correu em círculos, mas não se aproximou. Então, disparou estrada acima, dobrou uma curva e parou na caminhonete de Danelle, que farejou antes de voltar para o rio.

Aquela altura, a equipe de busca tinha chegado, com 12 voluntários em dois veículos. Marshall os dividiu em grupos para que explorassem trilhas diferentes. Estava prestes a mandá-los partir quando, ao longe, avistou o cão. Autoridades do departamento de controle animal haviam chegado e buscavam atrair o bicho com comida e água. Mas ele não se deixava prender. Virava e corria de volta ao cânion.

“O cachorro voltou”, disse Marshall à equipe pelo rádio. “Não tentem capturá-lo. Vejam se conseguem segui-lo.”

Bego Gerhart, um dos integrantes da equipe de resgate, explorava a região um pouco adiante quando o cachorro passou correndo, desacelerou e pôs-se a subir uma trilha pedregosa. Por fim, sumiu. Gerhart saltou do veículo e seguiu atrás dele. Marcas de patas na areia conduziam a um caminho que o homem jamais tinha visto. Então, percebeu marcas de sapatos.

DANELLE NÃO OUVIA *Taz* fazia algum tempo. Fechou os olhos para esperar o fim – sozinha, gelada, assustada.

Então, ao longe, ouviu o tilintar da coleira de um cachorro. Um momento depois, *Taz* se achava ao seu lado. Ele estava ofegante, e bebeu água da pequena poça. Ela pensou ouvir um motor. Mas ele logo silenciou.

De volta à trilha estreita, Gerhart havia desligado o motor do carro. E ficou a escutar o deserto. Então, ouviu uma voz: “Socorro...” Pegou o rádio.

“Acabo de ouvir a vítima”, disse a Marshall. De carro, continuou em frente e viu Danelle no chão do cânion, com o cachorro ao seu lado. Gerhart ajoelhou-se junto a ela e pediu um helicóptero para tirá-la dali.

Enquanto Danelle começava a chorar, *Taz* esfregava o focinho em seu corpo e lhe lambia o rosto. “Obrigada, *Taz...*”, disse ela.

## CAUSA E CONSEQÜÊNCIA

A mulher dirige mal? É porque instrutores de auto-escola são homens.

Marshall tentou pensar conforme um corredor, concentrando a busca em cinco possíveis trilhas. Quando a equipe chegasse, ele enviaria grupos para os terrenos acidentados. Mas seria um tiro no escuro.

Ao dar as costas para o cânion, percebeu um movimento no leito de um rio, cerca de 50 metros abaixo de onde estava. Havia um cachorro lá. Marshall sabia que Danelle treinava acompanhada do seu cão. Aquele que via era, talvez, selvagem, mas, se fosse o de Danelle, ela devia estar perto. Marshall ouvira dizer que o cão permanece ao lado do dono, a não ser que ele esteja gravemente ferido ou morto.

O cachorro subiu uma trilha e parou a uns dez metros de distância. Marshall assoviou. Estendeu a mão, tentando persuadi-lo a chegar perto. O cachorro balançou o rabo, correu em círculos, mas não se aproximou. Então, disparou estrada acima, dobrou uma curva e parou na caminhonete de Danelle, que farejou antes de voltar para o rio.

Àquela altura, a equipe de busca tinha chegado, com 12 voluntários em dois veículos. Marshall os dividiu em grupos para que explorassem trilhas diferentes. Estava prestes a mandá-los partir quando, ao longe, avistou o cão. Autoridades do departamento de controle animal haviam chegado e buscavam atrair o bicho com comida e água. Mas ele não se deixava prender. Virava e corria de volta ao cânion.

“O cachorro voltou”, disse Marshall à equipe pelo rádio. “Não tentem capturá-lo. Vejam se conseguem segui-lo.”

Bego Gerhart, um dos integrantes da equipe de resgate, explorava a região um pouco adiante quando o cachorro passou correndo, desacelerou e pôs-se a subir uma trilha pedregosa. Por fim, sumiu. Gerhart saltou do veículo e seguiu atrás dele. Marcas de patas na areia conduziam a um caminho que o homem jamais tinha visto. Então, percebeu marcas de sapatos.

DANELLE NÃO OUVIA *Taz* fazia algum tempo. Fechou os olhos para esperar o fim – sozinha, gelada, assustada.

Então, ao longe, ouviu o tilintar da coleira de um cachorro. Um momento depois, *Taz* se achava ao seu lado. Ele estava ofegante, e bebeu água da pequena poça. Ela pensou ouvir um motor. Mas ele logo silenciou.

De volta à trilha estreita, Gerhart havia desligado o motor do carro. E ficou a escutar o deserto. Então, ouviu uma voz: “Socorro...” Pegou o rádio.

“Acabo de ouvir a vítima”, disse a Marshall. De carro, continuou em frente e viu Danelle no chão do cânion, com o cachorro ao seu lado. Gerhart ajoelhou-se junto a ela e pediu um helicóptero para tirá-la dali.

Enquanto Danelle começava a chorar, *Taz* esfregava o focinho em seu corpo e lhe lambia o rosto. “Obrigada, *Taz...*”, disse ela.

## CAUSA E CONSEQÜÊNCIA

A mulher dirige mal? É porque instrutores de auto-escola são homens.